



JULGAMENTO NO STF E CORTINA DE FUMAÇA NAS REDES

09/09/2025



CONTEXTO

Campo Conservador nas redes utiliza violência no Nepal como tentativa de cortina de fumaça do Brasil

A parte mais radical do campo conservador nas redes está se utilizando da insurgência violenta que ocorre no Nepal para reenquadrar os fatos naquele país como um “levante indignado da geração Z contra o governo comunista que tentou censurar as redes sociais”.

Essa estratégia busca construir uma tentativa de cortina de fumaça para o voto dos ministros Alexandre de Moraes e Flávio Dino durante o dia de hoje, como se observam nas hashtags que tentam vincular o tema com o julgamento que ocorre no STF. Parlamentares do campo conservador, como Bia Kicis e Gustavo Gayer, assim como influenciadores como Paulo Figueiredo ou o ex-juiz Marcelo Bretas, destacaram o episódio em suas redes.

Alguns perfis mais radicais destacam a violência contra instituições, como ataques à Suprema Corte e a ministros, associando-os às críticas ao Judiciário brasileiro. Utilizam os episódios para traçar paralelos entre os dois países, sugerindo que “corrupção”, “censura” e “avanço da esquerda” também estariam presentes no cenário brasileiro. Nessas narrativas mais radicais, os eventos no Nepal são retratados como exemplo de “coragem popular” frente a governos autoritários e de que “o povo acordou”.

Publicações destacaram também os ataques à Suprema Corte nepalense, aos ministros daquele país que foram agredidos e às bandeiras comunistas queimadas, como exemplo de ruptura legítima contra um regime opressor. A leitura projetada em alguns perfis é a de que os brasileiros deveriam agir da mesma forma, numa clara incitação à violência contra as instituições no Brasil.

O exemplo não é novo.

Em 2022, o Sri Lanka viveu uma onda de protestos populares que se estendeu ao longo de vários meses. As manifestações, organizadas de forma descentralizada e sem liderança partidária ou sindical, ganharam força por meio das redes sociais e expressaram a insatisfação da população contra a família que governava o país. Manifestantes invadiram e atacaram a residência oficial do presidente, o que levou à sua expulsão e à renúncia do chefe de Estado e do primeiro-ministro. Entre 2022 e 2023, imagens dos protestos no Sri Lanka passaram a circular em outros contextos políticos, incluindo o Brasil. Vídeos da invasão às residências oficiais foram resgatados por grupos de direita, que chegaram a sugerir paralelos com a situação brasileira.

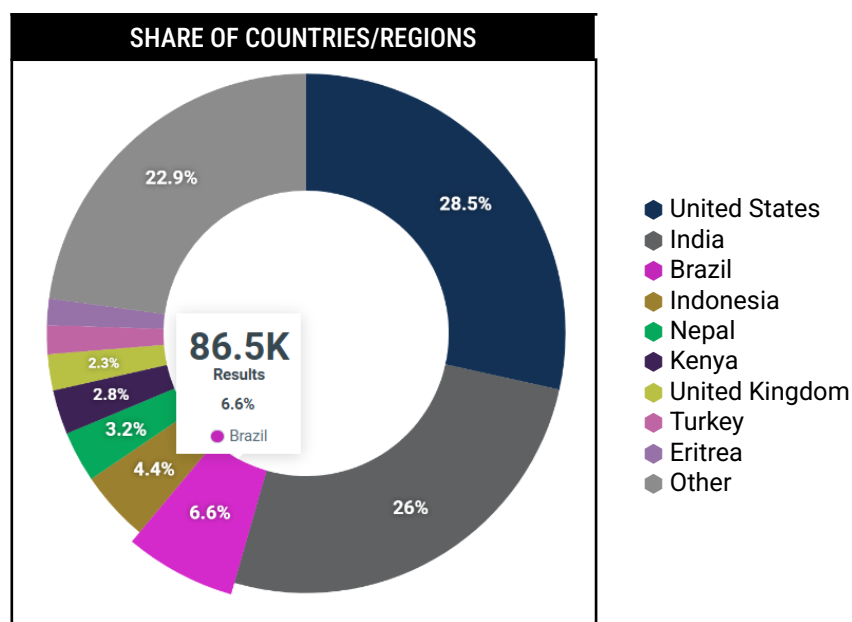
Também em 2022, circulou no Brasil uma peça de desinformação sobre supostas “urnas do Butão”. A narrativa afirmava que o sistema eletrônico usado nas eleições brasileiras não era confiável, e que apenas Brasil, Butão e Bangladesh utilizavam urnas eletrônicas sem voto impresso. A desinformação ganhou espaço em grupos conservadores, onde foi usada para reforçar a desconfiança sobre as urnas eletrônicas brasileiras e para atacar o Tribunal Superior Eleitoral.

DADOS, MÉTRICAS E NARRATIVAS MOBILIZADAS INSURGÊNCIA NO NEPAL

A partir de busca realizada pela query “**nepal OR nepalense OR nepalenses OR nepales OR nepaleses OR nepalesa OR nepalesas OR #nepal OR #nepalprotest OR #nepalprotests OR #nepalgenzprotest OR #genzprotest OR #genzprotestnepal OR #geznepal**” na ferramenta Talkwalker, nota-se um pico crescente de publicações a partir de 9 de setembro, quando há escalada dos protestos. Nas últimas 24h, foram localizadas 1,3 milhões de publicações, com alcance de 6,6 milhões de engajamentos em todo o mundo.

O Brasil é o terceiro país com mais menções ao assunto, atrás somente de Estados Unidos e Índia e à frente de Indonésia e Nepal, como mostra a imagem abaixo.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS TERMOS RELACIONADOS PAÍSES DE ORIGEM DE POSTS SOBRE A INSURGÊNCIA NO NEPAL NO SOCIAL LISTENING



No Brasil, mais de 86 mil publicações abordaram a questão e obtiveram engajamento de 527,9 mil, como demonstrado no gráfico abaixo.

QUANTIDADE DE **MENÇÕES DIÁRIAS** UTILIZADAS RELACIONADAS À DISCUSSÃO SOBRE A **INSURGÊNCIA NO NEPAL** NO **SOCIAL LISTENING**

The chart displays the daily count of new COVID-19 cases in the Netherlands. The y-axis is labeled with values in thousands: 3.8K, 7.6K, 11.4K, 15.2K, and 19K. The x-axis shows dates from 3 Sep to 9 Sep. The data shows a period of low activity from September 3 to 8, followed by a rapid ascent to approximately 18.5K cases by the end of September 9.

Date	Approximate New Cases (K)
3 Sep	0.1
4 Sep	0.1
5 Sep	0.1
6 Sep	0.1
7 Sep	0.1
8 Sep	0.5
9 Sep	18.5

PRINCIPAIS **HASHTAGS** UTILIZADAS RELACIONADAS À DISCUSSÃO SOBRE A **INSURGÊNCIA NO NEPAL** NO **SOCIAL LISTENING**



A partir da análise das hashtags que acompanharam as publicações, é importante observar que parte significativa delas mobilizou temáticas associadas a Jair Bolsonaro e ao julgamento que ocorre no STF. A nuvem de palavras sobre a insurgência no Nepal revela que, no Brasil, a repercussão do tema foi absorvida pelo campo conservador, que utilizou hashtags como **#BrasilComBolsonaro**, **#SomosTodosBolsonaro** e **#ImpeachmentAlexandreDeMoraes** para associar os protestos no país asiático a sua própria agenda política. O campo conservador digital brasileiro tentou converter o episódio em metáfora de resistência contra instituições nacionais e reforço de pautas como anistia, críticas ao STF e rejeição ao socialismo. Esse deslocamento evidencia como eventos internacionais são apropriados para alimentar a retórica radicais, reforçando narrativas de insubordinação e confronto contra a ordem democrática instituída no Brasil.



PRINCIPAIS INFLUENCIADORES DO DEBATE NO SOCIAL LISTENING

Influencer	Network	Posts	Reach	Reach per mention	Engagement ↓	Engagement per mention
Hoje no Mundo Militar @hoje_no	X	12	9.8M	816.5K	107.5K	9K
Fernanda Salles @reportersalles	X	8	4.4M	549.3K	54.5K	6.8K
Médicos Pela Liberdade @MedicoLiberdade	X	4	510.4K	127.6K	28.4K	7.1K
SPACE LIBERDADE @NewsLiberdade	X	8	3.3M	409.1K	24.5K	3.1K
Allan Dos Santos @allanconta5	X	3	910.1K	303.4K	23.5K	7.8K
Italo @peppipets	X	3	213.7K	71.2K	18.8K	6.3K
Ramon A. Lage @Ramon4lan	X	5	74.7K	14.9K	17.1K	3.4K
Leonardo Bolsonéas @bolsoneas_	X	1	79.4K	79.4K	15.3K	15.3K
Paulo de Tarso @paulodetarsog	X	6	447.6K	74.6K	15K	2.5K
Chief @Chief117Br	X	1	118.5K	118.5K	9.4K	9.4K

A maioria dos perfis com maior alcance nas publicações sobre o assunto são ligados à extrema-direita. O perfil **Hoje no Mundo Militar** veiculou diversos vídeos e imagens da região e dos conflitos, entre elas, [a do parlamento em chamas](#), com mais de 574 mil visualizações. **Space Liberdade** utilizou o mesmo recorte, com a frase: “População coloca fogo no parlamento do Nepal, após graves denúncias de corrupção e tentativas do governo comunista de impor a censura na Internet e nas redes sociais”. A mesma linha foi utilizada por **Ramon A. Lage**, que também sob a foto do parlamento em chamas, comparou índices sociodemográficos do Nepal e Brasil, argumentando que “Nepal é mais corajoso que nós!”.

Allan dos Santos, de forma similar, exaltou a violência popular que aconteceu no país, comparando com brasileiros, salientando: “O povo de Nepal SABE o que era o problema. O povo brasileiro, infelizmente, não sabe. Vive normalmente como se nada estivesse acontecendo”. Os atos também foram exaltados por **Paulo de Tarso**, que defendeu: “O povo nepalês derrubou o regime comunista em 24h, indo em massa para as ruas, incendiando o Parlamento e caçando

os corruptos em suas casas. Ninguém segura a força de um povo unido num mesmo ideal". Em outra publicação, reforçou: "[Em apenas 24 horas, a juventude colocou o governo de joelhos! A revolução da Geração Z no Nepal está chocando o mundo!](#)".

[Fernanda Salles](#) publicou vídeo de homem arrancando bandeira comunista do mastro no Nepal, enquanto [Médicos pela Liberdade](#) veiculou imagens da Suprema Corte incendiada. O argumento de que os atos teriam como causa o bloqueio de redes sociais foi utilizado por [Leonardo Bolsonéas](#) e [Italo](#). Este último disse, ainda, que a população teria feito manifestação pacífica, a polícia teria matado 19 pessoas e a situação escalou.

Fazendo alusão ao contexto brasileiro, [Chief](#) publicou: "Mais um povo que aprendeu que não se tira ditador nas 4 linhas e subindo # no twitter".

PRINCIPAIS TEMAS DA EXTREMA DIREITA

Extrema direita usa Nepal como parâmetro para o Brasil: Postagens estabelecem paralelos entre o Nepal e o Brasil, e tentam engajar a narrativa de que ambos os países enfrentariam desafios semelhantes relacionados à [corrupção](#) em instituições públicas; seriam alvo de [censura](#) em função de iniciativas para regulação de plataformas de redes sociais; e estariam ameaçados pelo avanço de políticas e de segmentos de [esquerda](#). No caso nepalês, a regulação das redes sociais, marcada pelo recente bloqueio de algumas plataformas digitais, desencadeou protestos mais contundentes. Assim, reivindicações mais amplas, relacionadas à corrupção e ao avanço de correntes políticas de esquerda, acabaram sendo incorporadas, por perfis brasileiros, ao discurso das manifestações. ([1](#); [2](#)).

Violência às Instituições: Na esteira dessa comparação, as publicações tomam os protestos perpetrados pela população no Nepal – em resposta à conjuntura política e à atuação de instituições no país asiático – como modelo para [incitação](#) da população brasileira [à violência contra as instituições](#), sobretudo, com o judiciário daqui. Os perfis defendem que a população brasileira deveria se inspirar na "[coragem](#)" e na proporção dos atos dos nepaleses para reagir à corrupção e à censura no Brasil ("O povo do Nepal acordou"). O episódio ainda é mobilizado como modelo de insurreição popular e da juventude contra os poderes constituídos ("[O prédio da Suprema Corte do Nepal arde em chamas](#)").

Atores políticos, "censura" e pautas da esquerda: Alguns parlamentares também repercutiram o caso em suas postagens, buscando ampliar o engajamento da narrativa que relaciona supostas censuras das redes sociais a uma agenda da esquerda ([o PT sonha o mesmo](#)). Além disso, é dada ênfase às ameaças do "[regime comunista](#)", a "[politização do judiciário](#)" e ao "[avanço de governos autoritários no sul da Ásia](#)". As pautas relacionadas a discurso de ódio, "fake news" e "crimes digitais" são destacadas como justificativas do governo para práticas de "censura", que teriam causado revolta e a escalada da violência. Em vídeo, [Gustavo Gayer](#) disse que tudo estaria ligado: o julgamento de Jair Bolsonaro, os atos no Nepal e o assassinato de ucraniana nos Estados Unidos, como resultados de um judiciário politizado. Sobre o Nepal, Gayer salientou que a população se revoltou contra um governo corrupto e uma suprema corte ativista e não aceitou a "censura" por parte destas instituições.

A população do Nepal seria “mais corajosa” que a brasileira: Comparando os dois países, publicações sugerem que o Brasil também teria desejo de realizar atos semelhantes, mas que o povo não teria a mesma coragem que o do Nepal. Postagens reforçaram a ideia de que os brasileiros seriam muito mais pacíficos e que, no Nepal, a população já teria aprendido que não se derruba ditador subindo hashtag, mas sim com violência (1:2:3). Nesse contexto, surge a [provocação em perfil](#): como explicar para alguém do Nepal que, no Brasil, parte da população defende “censura” e “idolatra corruptos”. A mobilização da violência é vista por vídeos em que [“há perseguição de políticos e ministros”](#). Reforçando a incitação à violência, outro [perfil](#) publicou vídeo de um ministro capturado e espancado, com os dizeres: “O sonho de todo brasileiro de bem! Descer o sarrafo em político vagabundo!”.

Corrupção e bloqueio das redes: A narrativa construída por perfis da extrema-direita conecta os protestos no Nepal a uma crítica à [corrupção e ao bloqueio das redes sociais](#), apresentando os atos de violência como “reação legítima” da população diante de “restrições à liberdade digital”. Imagens e relatos, como o ataque ao ministro da economia e o fechamento de plataformas para conter discurso de ódio, são reinterpretados como [“prova de um descontentamento popular massivo e espontâneo”](#), reforçando o argumento de que a população teria o direito de reagir de forma enérgica contra governos que restringem acesso à informação e promovem práticas corruptas.

■ O QUE ESTÁ ACONTECENDO NO NEPAL?

O Nepal atravessa um momento de grande turbulência social e política, cujo estopim foi a proibição de 26 mídias sociais no país. Segundo o governo, a proibição se deu pelo não cumprimento das exigências para funcionamento das empresas no país, que estaria tentando regulamentar a atuação das plataformas para evitar a propagação de discurso de ódio e “fake news”. Protestos começaram a eclodir, resultando, segundo a imprensa local, em 22 pessoas mortas e mais de 200 feridas (até a conclusão deste relatório), além da renúncia do Primeiro Ministro KP Sharma Oli, do Partido Comunista do Nepal (Marxista-Leninista Unificado). Os protestos resultaram também na incineração do parlamento nepalês em Katmandu, na morte de Rajyalxmi Chitrakar, esposa do ex-primeiro-ministro Jhalanath Khanal, e no espancamento da Ministra das Relações Exteriores, Arzu Rana Deuba e de seu esposo, o ex-primeiro ministro Sher Bahadar Deuba. A mídia local noticia que cerca de mil prisioneiros escaparam em consequência da invasão de duas penitenciárias. Foram noticiados outros incêndios por toda a capital.

A medida banindo as redes sociais e a mensageria foi revogada, o que não foi suficiente para conter os protestos.

Esta não é a primeira onda de protestos que assola o Nepal nos últimos anos: uma crescente onda **pró-monarquia** vem ocupando as ruas do país, em especial a partir de 2023. Um dos maiores protagonistas do movimento é o médico e empresário Durga Prasai, ex-aliado de KP Sharma Oli, tornou-se um grande influenciador digital, com presença marcante em diversas redes sociais. É interpretado como “outsider” por seus discursos anti-sistema, nacionalista e

com boa dose de fundamentalismo religioso. Analistas políticos locais comparam sua tática com as de outros líderes da extrema-direita contemporânea, como Donald Trump.

Turistas de todo o mundo têm dificuldade para deixar o país devido ao fechamento dos aeroportos. Viajantes relatam que a fumaça em diversas regiões e a depredação de dois aeroportos contribuem para o impedimento de pousos e decolagens.